



António Simas Santos

Guerra

Um retrocesso civilizacional

É verdadeiramente chocante que, em pleno século XXI, estejamos perante duas guerras que ceifam milhares de vidas e destroem recursos inimagináveis. Espalhando sofrimento, destruição e miséria: o espelho de um mundo, dito civilizado.

A origem da guerra é um tema complexo e multifacetado que tem fascinado filósofos, historiadores, sociólogos e cientistas políticos ao longo dos séculos. A guerra é uma das características mais antigas e persistentes da história da humanidade, e entender suas origens é fundamental para buscar maneiras de evitá-la e promover a paz.

Sendo importante ressaltar que as origens da guerra são muitas vezes complexas e multifacetadas, envolvendo uma combinação de fatores económicos, religiosos políticos e culturais. Mas, certamente, os conflitos étnico-religiosos, as ambições geopolíticas e de poder e, cada vez mais, a luta entre democracia e ditaduras tem ocupado, hoje, o centro do palco da guerra.

De um lado as democracias e a liberdade e do outro as teocracias/ditaduras e o obscurantismo. Factores que se afirmam como determinantes nas guerras “modernas”, com ondas de intolerância, radicalismo religioso e sonhos expansionistas. Um luta, cada vez mais evidente, entre liberdade-e-ditadura e entre conhecimento-e-ignorância, invade a Europa e Estados Unidos.

A invasão teocrática/islamista da Europa, sobretudo em países como a França, ganha proporções muito preocupantes e o populismo, liderado por personagens sinistras como Trump, Bolsonaro, Orbán e Ventura, galga as sociedades como uma erva daninha; medrando num caldinho de corrupção que infecta os políticos tradicionais.

As actuais guerras na Ucrânia e no Médio Oriente ilustram, na perfeição tudo isso: aspirações imperialistas e radicalismo religioso, com desprezo absoluto pela vida humana e pela liberdade. A barbárie à solta. Não se tornando necessário en-

trar em detalhes que aliás nos são fornecidos, às toneladas, pelos canais televisivos generalistas e pelas redes sociais.

Um verdadeiro retrocesso civilizacional.

Como é possível que, em pleno século XXI, promovamos a guerra e a destruição em vez de promover a segurança da nossa casa comum e assegurar o fim da fome e da miséria que, ainda, atinge milhões de seres humanos? Pergunta que é urgente fazer perante tanta insensibilidade e carnificina.

Possivelmente uma das respostas mais evidentes é o aburguesamento e a corrupção das sociedades democráticas liberais que permitiram desigualdades inaceitáveis e abriram as portas ao populismo e ao autoritarismo e toleram, em evidente excesso, os radicalismos religiosos que sempre tiveram uma agenda clara: combater os “infiéis” na sua própria casa e destruir a democracia.

Diagnóstico que, recentemente e de forma brilhante, a primeira-ministra australiana fez, chamando os bois pelo seu nome. A nossas democracias bem-falantes e “super-tolerantes” (ou super-promíscuas?) sempre tiveram e, continuam a ter, pruridos em defender os seus valores face aos desrespeitos e abusos de terceiros.

O combate aos totalitarismos e aos radicalismos religiosos, de qualquer sentido, será o único caminho para combatermos o verdadeiro cancro que invade e está a tomar conta das nossas democracias. Combate diário e duro, sem cedências samaritanas ou complexos ideológicos.

Não deixa de ser irónico que, passado tanto tempo, depois da Revolução Francesa não tenhamos conseguido pôr, cabalmente, em prática as suas palavras de ordem. Talvez trocando apenas liberdade por equidade que traduz bem melhor o conceito de igualdade de oportunidades.

LIBERDADE, EQUIDADE E FRATERNIDADE!



Victor Hugo Forjaz*

Engenharia vulcanológica

1 - A crise vulcânica iniciada em Outubro, na península de Reykjanes, na Islândia, teve sinais sísmicos característicos porque o magma (rocha em fusão repleta de gases) quando se movimenta, tem atrito com as rochas onde circula. Em Novembro a equipa de vigilância do serviço nacional de vulcanologia já sabia que o magma avançava, sob a forma filoniana e com característica de lava, para Grindavík, uma pequena cidade costeira, piscatória.

2 - Na Islândia a maior fonte de energia eléctrica é de origem hídrica. Segue-se a geotermia quer em termos de electricidade quer para o aquecimento de residências, indústrias, escritórios, estufas, etc. A escassos 6 km de Grindavík localiza-se a famosa central geotérmica de Svartsengi e um pouco a nordeste o complexo balnear termal denominado Blue Lagoon, um sucesso islandês muito importante [e que foi recomendado, como modelo, para a ilha de S. Miguel em 1977].

O acompanhamento do movimento da lava, muito próximo da superfície, realizou-se por uma equipa pluridisciplinar (geólogos, geofísicos, geotécnicos, eng.civis.). Comunicados frequentes e simples, com esquemas excelentes, foram emitidos de acordo com o ritmo da circulação da lava.

A 10 de Nov., surgiram grandes fracturas e “sinkholes” [cavernas ou algares quase verticais] em plena Grindavík, cortando vias e algumas casas. Cerca de 3 mil habitantes foram metodicamente evacuados. Por dia ocorriam mais de 900 sismos e microsismos. Havia tremor vulcânico em espasmos.

3 - Na central geotérmica edificaram-se espessas barreiras de pedras lávicas e de escórias vulcânicas visando desviar qualquer rio de lava que se aproximasse. E, no subsolo a lava, já mais fluida, por descompressão, progredia, deformando o relevo, rachando, partindo.

A central geotérmica é um bem muito precioso, dizem-me os colegas islandeses e norteamericanos. Há que a proteger já que a lava subterrânea não indica ainda um sítio certo de saída, de extrusão. Então os peritos concordam em se forçar uma saída, ou seja, gerar um vulcão artificial!! Furar o terreno com um robot (manobra viável) e abrir uma chaminé ou obter uma profunda cratera com explosivos, tarefa bem mais arriscada. Aguardemos.

4 - A recente crise sísmica de 2022 em S. Jorge, foi a antítese da actual crise da Is-

lândia. De facto anunciou-se um possível vulcão de modo pouco sereno e sem motivo. Seguidamente, em pânico, duma assentada, duas mil e tal pessoas fugiram para o Pico e para a Terceira. Roturas á superfície e gases letais nunca surgiram, o Prof. Marques, da UAç, montou quartel em S. Jorge numa tenda militar, diversos sábios vieram do continente e da Inglaterra.

A Marinha colocou no fundo do mar OBS fantásticos mas já desnecessários, Sexa o Presidente da República veio provar o queijo de S. Jorge em jacto adequado e o Sr. Presidente da Protecção Civil disse umas larachas. Após semanas, novo e imaginário vulcão foi dado como “falecido” ou abortado. O Prof. Marques foi silenciosamente afastado do comité central e substituído por uma generosa perita em generalidades... Olhando para o futuro, fico apreensivo porque não observo mudanças de fundo nem reformas efectivas.

Os planos municipais de protecção são para vegetarem nas gavetas. São pesadões e pouco práticos. A maioria das escolas e de outros serviços públicos não os praticam e não os conhecem. R custaram pipas de euros.

5 - Perante o profissionalismo, a comunicabilidade e a firmeza dos colegas vikings, como dizia o saudoso João Soares, “que mais nos vai acontecer!!!”



*Vulcanólogo